

FICHA TÉCNICA

Título original: *Norse Mythology*

Autor: *Neil Gaiman*

Copyright © 2017 by Neil Gaiman

Todos os direitos reservados

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2017

Tradução: *Maria de Almeida*

Revisão: *Rita Silva e Carlos Jesus/Editorial Presença*

Design capa: *Sam Weber*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 428 947/17

1.ª edição, Lisboa, agosto, 2017

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

ÍNDICE

<i>Uma Introdução</i>	11
AS PERSONAGENS	17
ANTES DO INÍCIO E DEPOIS	23
YGGDRASIL E OS NOVE MUNDOS	31
A CABEÇA DE MIMIR E O OLHO DE ODIN	37
OS TESOUROS DOS DEUSES	43
O MESTRE DE OBRAS	59
OS FILHOS DE LOKI	77
O CASAMENTO INVULGAR DE FREYA	91
O HIDROMEL DOS POETAS	105
A VIAGEM DE THOR À TERRA DOS GIGANTES	127
AS MAÇÃS DA IMORTALIDADE	149
A HISTÓRIA DE GERD E FREY	165
QUANDO HYMIR E THOR FORAM À PESCA	175
A MORTE DE BALDER	191
OS ÚLTIMOS DIAS DE LOKI	207
RAGNAROK: O DESTINO FINAL DOS DEUSES	221
<i>Um Glossário</i>	235

UMA INTRODUÇÃO

É difícil termos uma sequência de mitos preferida tal como é difícil termos um estilo de culinária preferido (há noites em que nos apetece comida tailandesa, outras em que preferimos *sushi* e outras ainda em que só queremos a comida simples e caseira da nossa infância). Porém, se eu tivesse mesmo de eleger os meus preferidos, iria provavelmente escolher os mitos nórdicos.

O meu primeiro encontro com Asgard e com os seus habitantes foi quando era criança — não teria mais de sete anos — e li as aventuras do Poderoso Thor, ilustradas pelo artista de banda desenhada Jack Kirby, nas histórias com enredo de Kirby e Stan Lee e diálogos do irmão de Stan Lee, Larry Lieber. O Thor de Kirby era forte e belo, o seu Asgard era uma cidade com edifícios altos, imponentes e perigosos, saída de um universo da ficção científica, sendo o seu Odin sábio e nobre e o seu Loki uma criatura sardónica de pura maldade, encimada por um capacete com chifres. Eu adorava o Thor louro de Kirby, sempre com o seu martelo na mão, e quis saber mais sobre ele.

Pedi emprestada uma cópia de *Myths of the Norsemen* [Mitos dos Nórdicos] de Roger Lancelyn Green e li-a e reli-a com satisfação e perplexidade: Asgard, na sua narrativa, já não era a cidade futurista de Kirby, mas sim um grande palácio *viking* e um conjunto de edifícios em terras inóspitas e geladas; Odin, o pai de todos, já não era meigo, sábio e irascível, mas, sim, brilhante, incognoscível e perigoso; Thor era tão forte quanto

o Poderoso Thor da banda desenhada, o seu martelo igualmente poderoso, mas ele era... bem, sinceramente, não era o mais esperto dos deuses; e Loki não era maldoso, embora seguramente não fosse uma força do bem. Loki era... complicado.

Aprendi ainda que os deuses nórdicos tinham o seu próprio juízo final: o Ragnarok, o crepúsculo dos deuses, o fim de tudo. Os deuses iriam lutar contra os gigantes do gelo e todos morreriam.

Teria já ocorrido o Ragnarok? Ainda estaria para acontecer? Não sabia a resposta naquela altura. Hoje em dia, também não sei muito bem...

O facto de que o mundo e a história terminam e a forma como terminam e renascem transformou os deuses, os gigantes do gelo e todos os outros seres em heróis trágicos e em vilões trágicos. O Ragnarok fez com que o mundo nórdico perdurasse para mim e me parecesse estranhamente presente e atual, enquanto outros sistemas de crenças, mais bem documentados, me pareciam parte do passado, coisas velhas.

Os mitos nórdicos são os mitos de um local gelado, com noites de inverno muito, muito longas e dias de verão intermináveis; são os mitos de um povo que não confiava totalmente nos seus deuses e nem sequer gostava deles, embora os respeitasse e temesse. Tanto quanto sabemos, os deuses de Asgard vieram da Alemanha, espalharam-se pela Escandinávia e depois pelas outras partes do mundo dominadas pelos Vikings — chegaram a Orkney, à Escócia, à Irlanda e ao norte de Inglaterra —, onde os invasores deixaram nomes de localidades inspirados em Thor e Odin. Em inglês, os deuses deixaram os seus nomes nos dias da semana. Podemos encontrar Tyr, o Maneta (filho de Odin), Odin, Thor e Frigg, a rainha dos deuses, respetivamente em *Tuesday* [terça-feira], *Wednesday* [quarta-feira], *Thursday* [quinta-feira] e *Friday* [sexta-feira].

Podemos ver vestígios de mitos mais antigos e de religiões mais antigas na guerra e nas histórias da paz entre os deuses dos Vanir e dos Aesir. Os Vanir parecem ter sido deuses bem-dispostos, irmãos e irmãs, menos belicosos, mas talvez não menos perigosos do que os Aesir.

É muito provável, ou pelo menos será uma hipótese a considerar, que tenha havido tribos de pessoas que adoravam os Vanir e outras tribos que adoravam os Aesir e que aqueles que adoravam os Aesir tivessem invadido as terras dos que adoravam os Vanir, o que os levou a fazerem concessões e ajustamentos de parte a parte. Alguns deuses dos Vanir, como os irmãos Freya e Frey, viviam em Asgard com os Aesir. História, religião e mito combinam-se e nós só podemos interrogar-nos, imaginar e supor, como detetives a reconstruir os pormenores de um crime há muito esquecido.

Há muitas histórias nórdicas de que não dispomos, tanto que não sabemos... Tudo o que temos são alguns mitos que chegaram até nós sob a forma de lendas populares, em recontos, em poesia e em prosa. Foram escritos quando a cristandade já tinha tirado o lugar à adoração dos deuses nórdicos e algumas das histórias que temos chegaram até nós porque as pessoas temiam que, se estas não fossem preservadas, alguns *kennings* — ou seja, as expressões utilizadas pelos poetas para se referirem a eventos em mitos específicos — se esvaziassem de sentido; «lágrimas de Freya», por exemplo, era uma forma poética de designar o «ouro». Em alguns contos, os deuses nórdicos são descritos como homens, reis ou heróis de antigamente, para que as histórias pudessem ser contadas num mundo cristão. Alguns contos e poemas narram outras histórias ou têm outras histórias implicitamente subjacentes a que nós simplesmente não temos acesso.

É mais ou menos como se os únicos contos a sobreviver dos deuses e dos semideuses da Grécia e da Roma antigas tivessem sido os relativos aos feitos de Teseu e de Hércules.

Perdemos tanta coisa...

Há muitas deusas nórdicas. Conhecemos os seus nomes e alguns dos seus atributos e dos seus poderes, mas os seus contos, mitos e rituais não chegaram até nós. Quem me dera poder recontar os contos de Eir porque ela era a médica dos deuses, de Lofn, a confortadora, que era uma deusa nórdica dos casamentos, ou de Sjöfn, uma deusa do amor... Já para não mencionar Vor, deusa da sabedoria. Consigo imaginar histórias, mas não sou capaz de narrar os seus contos. Estão perdidos, enterrados ou esquecidos.

Esforcei-me por recontar estes mitos e estas histórias com o máximo rigor que me foi possível e da forma mais interessante que consegui.

Por vezes, os pormenores das histórias entram em contradição. Porém, espero que os leitores consigam delinear um mundo e uma época. Enquanto recontava os mitos, tentei imaginar-me, há muito tempo, nas terras onde estas histórias começaram por ser narradas, talvez durante as longas noites de inverno, sob o brilho das luzes setentrionais, ou então sentado na rua às primeiras horas da madrugada, acordado sob a interminável luz do pico do verão, com uma plateia de pessoas que queriam saber que mais fez Thor, o que era o arco-íris, como deviam viver as suas vidas e de onde vem a má poesia.

Quando terminei as histórias e as li sequencialmente, fiquei surpreendido por descobrir que me pareciam uma viagem desde o gelo e o fogo com que o universo começa até ao fogo e ao gelo que põem termo ao mundo. Pelo caminho, encontramos pessoas que teríamos reconhecido, pessoas como Loki, Thor e Odin, e outras sobre as quais queremos saber muito mais (a minha preferida de entre estas é Angrboda, a mulher de Loki entre os gigantes, que dá à luz os seus três filhos monstruosos e que aparece sob a forma de um fantasma depois de Balder ser assassinado).

Não me atrevi a regressar aos contadores dos mitos nórdicos cujo trabalho eu adorava, a pessoas como Roger Lancelyn Green e Kevin Crossley-Holland, e reler as histórias que escreveram. Em vez disso, detive-me a ler muitas traduções diferentes do *Edda em Prosa* de Snorri Sturluson e dos versos do *Edda Poético*, palavras com mais de novecentos anos, escolhendo os contos que queria recontar e a forma como os queria narrar, misturando versões dos mitos que li em prosa e em poesia. (A visita de Thor a Hymir, por exemplo, pela forma como aqui a narro é um híbrido: começo com a descrição dos eventos contida no *Edda Poético* e depois acrescento pormenores da aventureira ida à pesca de Thor na versão de Snorri.)

O meu exemplar maltratado de *A Dictionary of Northern Mythology* [Dicionário de Mitologia Nórdica], escrito por

Rudolf Simek e traduzido por Angela Hall, foi sempre de um valor incalculável, tendo sido continuamente consultado e constituindo uma referência informativa e reveladora.

Deixo aqui um grande agradecimento à minha velha amiga Alisa Kwitney pelo seu apoio editorial. Ela foi uma caixa de ressonância fabulosa, sempre pronta a dar a sua opinião, sem rodeios, de forma útil, sensata e inteligente. Foi ela quem conseguiu que este livro fosse escrito, sobretudo porque queria sempre ler a próxima história, tendo-me ajudado a arranjar tempo para o escrever. Estou-lhe incrivelmente grato. Obrigado à Stephanie Monteith, cujos olhos de águia e conhecimento da cultura nórdica apanharam várias coisas que me tinham escapado. Obrigado também à Amy Cherry, da Norton, que, num almoço de aniversário meu há oito anos, sugeriu que seria interessante se eu recontasse alguns mitos, e que, tendo tudo em consideração, tem sido a editora mais paciente do mundo.

Todos os erros, conclusões apressadas e opiniões estranhas que possam encontrar neste livro são meus e só meus e não gostaria que outras pessoas fossem culpadas por eles. Espero ter narrado estas histórias com honestidade, mas admito que houve alegria e criação no ato de as recontar.

Essa é a alegria dos mitos. O que se torna divertido é sermos nós a contá-los — algo que vos encorajo encarecidamente a fazer, a vocês que estão a ler este livro. Leiam as histórias aqui contidas e depois tornem-nas vossas e, num serão escuro e gelado de inverno, ou numa noite de verão em que o Sol ainda não se pôs, contem aos vossos amigos o que aconteceu quando o martelo de Thor foi roubado ou como é que Odin conseguiu arranjar o hidromel da poesia para os deuses...

Neil Gaiman
Lisson Grove, Londres,
maio de 2016

I

Antes do início não havia nada — não havia terra, não havia céu, não havia estrelas e não havia o firmamento: havia apenas o mundo da neblina, sem forma e sem formato, e o mundo do fogo, sempre a arder.

A norte, ficava Niflheim, o mundo das trevas. Em Niflheim, onze rios venenosos atravessavam a neblina, brotando cada um deles do mesmo poço no centro de tudo: um remoinho de água retumbante chamado Hvergelmir. Niflheim era mais frio do que o frio e a neblina turva que cobria tudo caía pesada. Os céus estavam escondidos pela neblina e o chão ocultado pelo nevoeiro gelado.

A sul, ficava Muspell. Muspell era fogo. Em Muspell, tudo brilhava e ardia. Muspell era luz, quando Niflheim era cinza; era lava derretida, quando o mundo da neblina era gelado. A terra estava em chamas com o calor trovejante da forja de um ferreiro; não havia terra sólida, não havia céu. Havia apenas faíscas e um calor abrasador, rochas fundidas e brasas incandescentes.

Em Muspell, no limite das chamas, onde a neblina arde e se transforma em luz, onde a terra termina, encontrava-se Surtr, que existia antes dos deuses. Ele ainda lá está. Empunha uma espada em chamas e a lava borbulhante e a neblina gelada são como um só para ele.

Diz-se que, no Ragnarok, que é o fim do mundo, e só então, Surtr abandonará a sua posição. Sairá de Muspell com a sua espada em chamas e queimará o mundo com fogo até que, um por um, os deuses cairão aos seus pés.

II

Entre Muspell e Niflheim havia um vazio, um espaço vago sem nada, sem forma. Os rios do mundo da neblina fluíam para esse vazio, que se chamava Ginnungagap, a «fenda escancarada». Ao longo de tempos infintos, esses rios envenenados, na região entre o fogo e a neblina, foram solidificando lentamente e transformaram-se em enormes glaciares. O gelo a norte do vazio ficou coberto por um nevoeiro gelado e por bolas de granizo; porém, a sul, onde os glaciares alcançaram a terra do fogo, as brasas e as faíscas de Muspell encontraram-se com o gelo, e os ventos quentes das terras das chamas tornaram o ar sobre o gelo tão suave e confortável como um dia de primavera.

Onde o gelo e o fogo se encontraram, o gelo derreteu e, nas águas derretidas, apareceu a vida: a imagem de uma pessoa maior do que os mundos, maior do que qualquer gigante que alguma vez existiu ou venha a existir. Não era macho nem fêmea, mas era ambos ao mesmo tempo.

Esta criatura foi o antepassado de todos os gigantes e chamou-se a si própria Ymir.

Ymir não foi o único ser vivo formado pelo degelo: formou-se também uma vaca sem cornos, maior do que a mente humana consegue imaginar. Ela lambia os blocos de gelo salgado para se alimentar e saciar a sua sede, e o leite que corria das suas quatro tetas fluía como rios. Era esse leite que alimentava Ymir.

O gigante bebia o leite e crescia.

Ymir chamou Audhumla à vaca.

A língua cor-de-rosa da vaca esculpiu pessoas, lambendo os blocos de gelo: no primeiro dia, foi só o cabelo de um homem; no segundo, a sua cabeça; e, no terceiro dia, foi revelada a forma de um homem inteiro.

Era Buri, o antepassado dos deuses.

Ymir dormiu e, enquanto o fazia, deu à luz: um gigante e uma giganta nasceram de debaixo do braço esquerdo de Ymir; um gigante com seis cabeças nasceu das suas pernas. É destes seres, os filhos de Ymir, que descendem todos os gigantes.

Buri tomou uma mulher de entre estes gigantes e tiveram um filho a quem chamaram Bor. Bor casou com Bestla, filha de um gigante e, juntos, tiveram três filhos: Odin, Vili e Ve.

Odin, Vili e Ve, os três filhos de Bor, cresceram e tornaram-se adultos. Enquanto cresciam, viam, muito ao longe, as chamas de Muspell e as trevas de Niflheim, mas sabiam que ambos os locais significariam a morte para qualquer deles. Os irmãos estavam, para toda a eternidade, aprisionados em Ginnungagap, a grande fenda entre o fogo e a neblina. Era como se aquele sítio não existisse.

Não havia mar nem areia, não havia relva nem pedras, não havia solo, não havia árvores, não havia firmamento, não havia estrelas. Não havia mundo, não havia céu e não havia terra, naquela altura. A fenda não estava num sítio: era apenas um lugar vazio à espera de ser preenchido com vida e com existência.

Estava na altura da criação de tudo. Ve, Vili e Odin entreolharam-se e conversaram sobre o que tinha de ser feito, ali, no vazio de Ginnungagap. Falaram do universo e da vida e do futuro.

Odin, Vili e Ve mataram o gigante Ymir. Tinham de o fazer. Não havia outra forma de criar os mundos. Isso foi o início de todas as coisas, a morte que tornou possível toda a vida.

Esfaguearam o grande gigante. O sangue jorrou do cadáver de Ymir em quantidades inimagináveis; fontes de sangue, tão salgado como o mar e tão cinzento como o oceano, jorraram num fluxo tão repentino, tão forte e tão profundo, que arrastou e afogou todos os gigantes. (Apenas um gigante, Bergelmir, neto de Ymir, e a sua mulher sobreviveram, entrando numa caixa de madeira, que os transportou como um barco. Todos os gigantes que vemos e que tememos hoje em dia descendem deles.)

Odin e os irmãos criaram o solo com a carne de Ymir. Empilharam os ossos de Ymir e transformaram-nos em montanhas e penhascos.

As nossas pedras e os nossos seixos, a nossa areia e a nossa gravilha, são os dentes de Ymir e os fragmentos de ossos que se partiram e foram esmagados por Odin, Vili e Ve na batalha contra o gigante.

Os mares que cingem os mundos, são o sangue e o suor de Ymir.

Olhem bem para o céu: estão a olhar para dentro do crânio de Ymir. As estrelas que avistam à noite, os planetas, todos os cometas e todas as estrelas-cadentes são as faíscas que se ergueram dos fogos de Muspell. E as nuvens que veem durante o dia? Em tempos, foram o cérebro de Ymir e quem sabe os pensamentos que tem ainda hoje.

III

O mundo é um disco plano e o mar circunda o seu perímetro. Os gigantes vivem nas extremidades do mundo, junto aos mares mais profundos.

De forma a manter os gigantes ao largo, Odin, Vili e Ve construíram uma muralha com as pestanas de Ymir e colocaram-na em torno do centro do mundo. Ao que ficou no interior da muralha chamaram Midgard.

Midgard estava vazio. As terras eram lindas, mas ninguém caminhava pelos prados e ninguém pescava nas águas cristalinas, ninguém explorava as montanhas rochosas e ninguém contemplava as nuvens.

Odin, Vili e Ve sabiam que um mundo não é um mundo até ser habitado. Vaguearam por todo o lado à procura de pessoas, mas não encontraram ninguém. Por fim, no cascalho à beira-mar, encontraram dois troncos, trazidos pelo mar, que tinham flutuado até ali com as marés e tinham sido atirados para a costa.

O primeiro tronco era um pedaço de freixo. O freixo é uma bela árvore com muita elasticidade, cujas raízes se enterram

profundamente. A sua madeira é boa de esculpir e não se racha nem quebra. A madeira de freixo é ideal para fabricar um bom cabo para uma ferramenta ou para uma lança.

O segundo tronco que encontraram na praia ao lado do primeiro, tão próximo que quase se tocavam, era um tronco de olmo. O olmo é uma árvore graciosa, mas a sua madeira é suficientemente dura para se transformar nas tábuas e traves mais fortes; consegue-se construir uma bela casa ou um palácio com madeira de olmo.

Os deuses pegaram nos dois troncos. Dispuseram os troncos de modo a ficarem em pé na areia, com a altura de pessoas. Odin segurou neles e insuflou-os de vida, primeiro um e depois o outro. Já não eram troncos mortos na praia: agora estavam vivos.

Vili deu-lhes a vontade; deu-lhes a inteligência e a motivação. Agora podiam mexer-se e podiam querer.

Ve esculpiu os troncos. Deu-lhes a forma de pessoas. Esculpiu-lhes as orelhas, para poderem ouvir; os olhos, para poderem ver; e os lábios, para poderem falar.

Os dois troncos ficaram de pé na praia: duas pessoas nuas. Ve tinha esculpido um com órgãos genitais masculinos e o outro com órgãos genitais femininos.

Os três irmãos fizeram roupas para a mulher e para o homem, para se cobrirem e se manterem quentes, debaixo dos borrifos gelados da água do mar, naquela praia, na extremidade do mundo.

Por último, deram nomes às duas pessoas que tinham criado: ao homem, chamaram Ask, de *Ash Tree*¹; à mulher chamaram Embla, ou *Elm*².

Ask e Embla foram o pai e a mãe de todos nós: todos os seres humanos devem a vida aos seus pais e aos pais dos seus pais. Se recuarmos mesmo muito, foram estes os antepassados de cada um de nós.

Embla e Ask permaneceram em Midgard, protegidos pela muralha que os deuses construíram com as pestanas de Ymir.

¹ «Freixo», em português. (NT)

² «Olmo», em português. (NT)

Foi em Midgard que construíram a sua casa, protegida dos gigantes e dos monstros e de todos os perigos que aguardam no deserto. Em Midgard, poderiam educar os seus filhos em paz.

É por isso que Odin é chamado o pai de todos. Porque ele foi o pai dos deuses e porque soprou a vida para dentro dos avós dos avós dos nossos avós. Quer sejamos deuses quer mortais, Odin é o pai de todos nós.